

Dr. Robert A. Peterson, Revelação e Escritura, Sessão 20, Perguntas frequentes de DA Carson de seu livro, *The Enduring Authority of the Christian Scriptures*

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre Revelação e Escritura Sagrada. Esta é a sessão 20, FAQs de DA Carson de seu livro, *The Enduring Authority of the Christian Scripture*.

Estou continuando com as perguntas frequentes, as respostas para as mesmas, no final de *The Enduring Authority of the Christian Scriptures*, editado por DA Carson, para compartilhar algumas dessas riquezas com você.

Espero que alguns de vocês comprem e leiam o livro, mas, de qualquer forma, vocês estão recebendo o creme de la creme. Vocês estão recebendo as conclusões de alguns desses ensaios, e vale a pena. Eles valem a pena.

14.1, muitos estudiosos demonstraram que, em suas origens, o cristianismo era altamente diverso, teologicamente falando, e que a unidade da doutrina era gradual e rigidamente imposta pelo grupo que se via sozinho como ortodoxo, um processo que levou três ou quatro séculos. Resposta: certamente, essa postura teve proponentes vociferantes. Tornou-se popular devido a um livro de Walter Bauer na década de 1930, e hoje seu popularizador mais proeminente é, sem dúvida, Bart Ehrman, o antigo cristão evangélico. Mas a evidência real corre na outra direção.

Não é que de muitas posições teológicas, uma surgiu triunfante, mas de uma visão teológica compartilhada, muitas heresias diversas surgiram. Então, a tese de Bauer, como é chamada, disse os escritos de Paulo e de Pedro. O Livro de Atos revela em Gálatas que havia uma teologia de Pedro e uma teologia de Paulo, e elas estavam uma contra a outra em diferentes facções e assim por diante.

Carson diz que não, ele está resumindo o escritor do capítulo 14 deste livro. Não, havia uma unidade substancial e diversas heresias, que foram proibidas pela igreja, surgiram de dentro dessa visão unificada.

14.2, que evidência apoia essa alegação, derrubando o trabalho de Bauer e, mais recentemente, de Ehrman? Primeiro, dentro das páginas de um Novo Testamento, cuidado com o que Jesus mostra, havia muito mais unidade teológica do que às vezes é alegado.

Foi demonstrado que os apóstolos eram as pessoas mais próximas de Jesus, e eles foram marcados por ele de tal forma que as diferenças em suas posições, comparadas com figuras do século II que não tiveram acesso imediato a Jesus, eram relativamente pequenas. Segundo, todos os quatro Evangelhos do Novo Testamento tinham conexões discerníveis com apóstolos específicos. Em contraste, documentos posteriores como o Evangelho de Judas e o Evangelho de Maria não têm conexões rastreáveis e confiáveis com os apóstolos.

Terceiro, é possível seguir essa trajetória teológica, a trajetória dos proto-ortodoxos que preservam a tradição apostólica, em contraste marcante com a literatura de outros grupos cuja inspiração demonstravelmente não se conecta com a tradição apostólica. Como deveríamos pensar sobre o relacionamento entre Deus e sua palavra? Embora seja transparente que Deus e sua palavra não sejam ontologicamente idênticos, no entanto, a escritura repetidamente e de maneiras altamente diversas insiste que crer na palavra de Deus é crer em Deus, obedecer à palavra de Deus é obedecer a Deus, desobedecer à palavra de Deus é desobedecê-lo, e assim por diante. A escritura não confunde Deus e sua palavra, mas investe sua palavra com a autoridade do próprio Deus.

Não é possível, 16.2, crer no Evangelho sem se preocupar muito em crer em tudo na Bíblia? Certamente, é possível; as pessoas fazem isso o tempo todo, mas não é possível fazê-lo consistentemente. Ou, para colocar a questão de forma mais dramática, mais cedo ou mais tarde, alguém se pergunta se é o Evangelho que está realmente sendo crido. O padrão consistente do testemunho do Antigo Testamento, do testemunho apostólico, do ensino do próprio Jesus vincula não apenas o Evangelho, mas também a resposta apropriada ao Evangelho à forma da auto-revelação de Deus em sua palavra.

Então sim, cremos que o Evangelho é salvo, mas a vida cristã envolve muito mais do que simplesmente crer no Evangelho. E assim, Deus deu professores à igreja para estudar e nos encorajar e compartilhar o fruto de suas obras, um dos propósitos dos quais é nos estimular a estudar pelo menos a palavra de Deus em si. A noção de dois autores, 17.1, um divino e um humano, estando por trás das escrituras é intrinsecamente difícil.

Como deveríamos começar a pensar sobre essas coisas? A resposta é que o desafio é ser fiel à própria linguagem bíblica. Se alguém coloca o autor humano contra o autor divino, então se a importância de um é sublinhada e o outro correspondentemente diminuído, e muitos modelos propostos foram culpados desse erro, isso é problemático, com certeza. Às vezes, a discussão se voltou para palavras que foram mal compreendidas.

Por exemplo, ao longo dos séculos, muitos falaram que as escrituras eram ditadas por Deus, o que alguns podem inicialmente pensar que reduz o escritor humano a

uma secretária tomando ditado. Mas o melhor desses teólogos que usam a linguagem do ditado, por exemplo, Calvino, escolheu o ditado latino não para descrever os meios de entrega, mas para enfatizar o resultado; as palavras das escrituras são de fato as palavras de Deus. Ao mesmo tempo, eles foram totalmente insistentes na contribuição que os autores humanos fizeram, muito além da mera transcrição.

Eu disse isso anteriormente nas palestras : alegar que a igreja manteve o ditado divino é confundir o uso dessa linguagem com o resultado da Bíblia, confundir isso com uma teoria da inspiração, que é o ditado divino da palavra por meio de autores mecânicos funcionando como secretários mecânicos, o que é simplesmente problemático.

18.2, o relato da criação em Gênesis soa muito como, por exemplo, o Enuma Elish babilônico e outros antigos mitos da criação do Oriente Próximo? Certamente, há alguns paralelos interessantes, mas inferências responsáveis extraídas desses paralelos exigem que avaliemos não apenas as diferenças entre Gênesis e os mitos babilônicos, mas também possíveis explicações de suas semelhanças ostensivas. Um estudo cuidadoso revela enormes diferenças na visão de mundo entre Gênesis e Enuma Elish.

Em seus tratamentos, 19.1, da autoridade bíblica, os cristãos não prestaram muita atenção aos diversos gêneros literários da Bíblia? Sim, este é um comentário justo. A maioria dos tratamentos sérios da autoridade da Bíblia se desenvolveu em ambientes confessionais e eclesiásticos. Muitos dos melhores tratamentos dos gêneros literários da Bíblia se desenvolveram em ambientes universitários.

Nos últimos anos, no entanto, muito mais atenção tem sido dada a algumas das relações entre autoridade e gênero literário, não menos importante, e com resultados um tanto diferentes, nos escritos de Brevard Childs e Kevin J. Van Hooser. Como a autoridade das escrituras está relacionada aos diversos gêneros literários das escrituras?

19.2, por exemplo, as narrativas de ordenação da Bíblia, seu enredo, sua narrativa de ordenação, seu enredo, não apenas ordenam o restante do material bíblico, mas estabelecem o que, de fato, aconteceu, e como a narrativa leva à revelação histórica de Jesus Cristo. Onde a lei faz exigências, onde a profecia exorta, repreende, ameaça e prediz, cada gênero não apenas tem sua própria maneira de fazer seu apelo, mas ressalta a autoridade de Deus ao fazer as exigências ou emitir, por exemplo, a repreensão.

Um estudo cuidadoso demonstra não apenas como cada gênero funciona, mas também como cada um contribui para o todo para fornecer uma revelação unificada. Então, sim, o estudo da literatura em termos dos diferentes tipos de literatura da

Bíblia e seus diferentes gêneros está rendendo frutos para aqueles que acreditam na Bíblia e prestam atenção aos gêneros porque muito mais é comunicado nas escrituras do que entendíamos antes de estudarmos cuidadosamente esses gêneros. Existem vantagens,

19.3, vinculadas aos gêneros literários altamente diversos da Bíblia? Sim, certamente.

A diversidade da Bíblia, como Barry Webb colocou, entre aspas, nos diz que a autoridade da Bíblia, estou citando, é o tipo de autoridade que se envolve totalmente com nossa humanidade. Ela fala conosco de dentro de nossa humanidade e não apenas de fora, como na criação, por exemplo. Não é uma autoridade de poder bruto, mas uma que reconhece e se envolve totalmente com nossa fraqueza, luta e pecaminosidade.

Em outras palavras, é uma autoridade graciosa, em vez de coercitiva. Fechar citação. Nesse aspecto, a Bíblia é muito diferente do Alcorão.

Este último retrata um deus que não pode participar da humanidade sem de alguma forma ameaçar sua própria divindade. O deus da Bíblia não apenas interage em muitos níveis com os seres humanos, refletidos em diversos gêneros literários, mas também interage supremamente ao se tornar um ser humano. Ele é o deus, citação, que não apenas nos deu um livro e um profeta, mas nos deu a si mesmo. Fechar citação.

20.1, o que significa clareza das escrituras? Afinal, muitas pessoas acham a Bíblia bem obscura. Isso não significa que cada parte das escrituras seja igualmente fácil de entender, ou que não haja necessidade de professores, ou que cada opinião sobre o que o texto significa seja igualmente valiosa.

Em vez disso, deve ser pensado, como o título de Mark Thompson coloca, como o presente generoso de um pai gracioso. A linguagem em si é um presente de Deus, e Deus escolheu expor seus propósitos redentores em uma linguagem que ele deu aos portadores de sua imagem. O filho encarnado de Deus repetidamente pressupõe a clareza das escrituras, não menos importante quando ele repetidamente faz a pergunta, você não leu? E o próprio Espírito está envolvido tanto na provisão da palavra de Deus quanto em sua recepção.

Em suma, citação, a clareza da escritura é aquela qualidade da escritura que, decorrente do fato de que é, em última análise, o ato comunicativo eficaz de Deus, garante que o significado deste texto seja acessível a todos que chegam a ele com fé. Fechar citação, ensaio de Mark Thompson. Número 20.

Não é um pouco circular, 22.1, tentar estabelecer a visão de Jesus sobre as escrituras apelando aos evangelhos, que são parte das escrituras? Certamente, alguém quer evitar a circularidade viciosa, mas há uma circularidade mais suave que é inevitável sempre que alguém considera algo reivindicando autoridade suprema em qualquer reino. Se, para justificar essa autoridade suprema, alguém é forçado a apelar para alguma autoridade externa, então, sem dúvida, essa autoridade externa desloca a primeira, o que nos pede para estabelecer sua autoridade com a mesma tensão. Alguém cai em uma regressão infinita.

Em outras palavras, você nunca termina de estabelecer uma autoridade para estabelecer, para encontrar uma autoridade que estabeleça essa autoridade. Muitos acadêmicos reconhecem a inevitabilidade de algum tipo de circularidade suave. De fato, é desejável.

Capítulo 22 do livro. Primeira pergunta. Fale-me sobre o uso do Antigo Testamento, Novo Testamento do antigo 23.2. O uso do Antigo pelo Novo Testamento é variado e complexo.

Às vezes, os escritores do Novo Testamento simplesmente usam a linguagem do Antigo Testamento sem pretender reivindicar nada mais do que uma conexão linguística com a passagem do Antigo Testamento. Onde a conexão é pretendida, ela pode pertencer a vários tipos. Por exemplo, cumprimento direto de uma predição específica, um eco contextual sutil, algum tipo de censo plênior cuidadosamente definido, sentido mais completo, uma conexão tipológica de algum tipo e mais.

Quando esses tipos de conexões são cuidadosamente explorados, a maneira como os escritores do Novo Testamento usam o Antigo Testamento é muito mais crível do que o uso do Antigo Testamento em alguns dos judaísmos paralelos do primeiro século. O Novo Testamento usa o Antigo Testamento de forma responsável, Carson argumenta, citando o capítulo 23 deste livro. Mas não é uma questão simples.

Está feito. Ele diz que é variegado. É diverso e às vezes complexo.

Mas como deveríamos passar da escritura para a teologia? 24.2. Muitas sugestões foram apresentadas, por exemplo, simplesmente some tudo o que a escritura ensina. Princípio. Princípios de exemplos concretos para princípios abstratos universais.

Siga as trajetórias das escrituras em vez do que as escrituras explicitamente dizem, e muito mais. Em cada caso, quaisquer que sejam os méritos da proposta, há perigos a evitar. Por exemplo, se alguém segue a opção principalizante, é fácil tornar os princípios abstratos, que são possíveis inferências do texto, mais autoritativos do que os detalhes concretos do texto.

O que devemos ver é que, enquanto a escritura tem autoridade suprema, Deus também nos deu professores, a longa história da igreja, o próprio espírito, sem mencionar nossas mentes e corações, não tanto para elaborar princípios pelos quais dominamos o texto, mas para que possamos ser dominados pelo texto, vivendo sob ele, respirando-o, vivendo-o enquanto buscamos fidelidade ao conselho de Deus. O que devemos dizer, 25.1, do cinismo generalizado sobre a capacidade de saber qualquer coisa sobre Deus? Epistemologia, o estudo do conhecimento e como sabemos ou pensamos que sabemos, é um assunto perenemente desafiador. Ele se esconde não apenas por trás da discussão mais sofisticada do que queremos dizer com conhecimento de Deus, mas também por trás de Jesus me ama, isso eu sei, pois a Bíblia me diz isso.

Como o tópico está atualmente em tal desordem, é útil ler uma pesquisa sobre alguns dos principais aspectos que estão sendo debatidos ou ignorados atualmente. Conte-me mais. Qual é o valor da epistemologia, 25.2? Há muitos.

Entre elas está o foco no que constitui crença justificada ou garantida. Posso acreditar que a lua é feita de queijo verde, mas essa crença é garantida? Posso acreditar que Jesus é o único caminho para Deus, mas essa crença é justificada? Logo se aprende a ampla gama de questões, cognitivas, morais, humanas, finitude e pecaminosidade, evidência, razão, os sentidos divinitatis, o senso de divindade que Deus construiu nos seres humanos, revelação, fé, que estão vinculados à disciplina. Em outras palavras, a epistemologia é digna de estudo, mas é um assunto realmente complicado.

Uma palavra como inerrância, 28.1, não perde sua atratividade e utilidade se tiver que ser apoiada por qualificações, distinções e definições infinitas, como na Declaração de Chicago? Resposta: tais qualificações e distinções cercam quase todos os termos pesados usados no discurso teológico, incluindo, por exemplo, Deus, justificação, verdade, espírito, graça e assim por diante. Em cada caso, pode-se fornecer uma definição simples, mas no corte e impulso de trocas subsequentes, não é surpreendente que distinções detalhadas e às vezes técnicas devam ser feitas. Então, que definição simples de inerrância pode ser avançada? Ele cita o filósofo britânico e cristão evangélico Paul Helm.

Nas palavras de Paul Helm, citação, uma expressão, uma afirmação, uma frase, uma fórmula, um documento, uma parte de um documento pode ser considerada inerrante se for totalmente verdadeira sem erro, fechar citação. Nossa. Hoje, há cada vez mais conversas sobre comunidades interpretativas.

O que isso significa? O reino do individualismo reina no Ocidente, então comunidades interpretativas são grupos de cristãos estudando a Bíblia juntos. Tal coisa deve ser, pode ser intencional, uma denominação, ou pode haver discussões planejadas. A disposição de ouvir interpretações diversas entre comunidades

interpretativas se torna cada vez mais atraente em um momento em que os cristãos estão se tornando cada vez mais conscientes do cristianismo global.

Então, uma questão importante se segue, 29.2. Então, todas as interpretações de diversas comunidades são igualmente válidas e igualmente fiéis? Você apenas colocou o dedo no perigo. Por um lado, é um ato de realismo e humildade reconhecer que nenhum indivíduo, nenhuma comunidade, tem toda a verdade sobre qualquer passagem ou tema bíblico individual. Ouvir uns aos outros está fadado a resultar em uma interpretação mais rica do que seria o caso de outra forma.

Às vezes, ele emite correções diretas. Mas, por outro lado, não se pode deixar de lembrar dos muitos avisos na Bíblia sobre falsa doutrina, falso Cristo e falsos evangelhos. Nem todas as interpretações são criadas iguais.

E só porque uma interpretação ou outra é defendida e protegida por uma comunidade em particular, isso não significa que ela é fiel às escrituras. E então voltamos a ouvir atentamente os outros, a uma releitura da Bíblia, ansiosos para sermos corrigidos, se isso significa maior fidelidade, e ansiosos também para não ficarmos sobre as escrituras como se fôssemos os juízes finais quando, na realidade, as escrituras devem ficar sobre nós e ser nosso juiz. Quando a ciência e a Bíblia parecem estar em conflito, 30.2, como os cristãos devem proceder? Como devem pensar nas coisas? As escrituras têm autoridade final, mas não significa que a interpretação particular das escrituras que favorecemos neste ou naquele ponto tenha autoridade final.

Então, distinguimos entre escritura e nossa interpretação da escritura. Então, é importante andar com humildade e ouvir bem. A história da ciência também nos lembra que teorias científicas não são apenas revisáveis em teoria, é assim que a ciência funciona, mas muitas vezes foram revisadas de fato.

Então, é importante para os cristãos, por mais profundamente que estejam enredados nos compromissos científicos atuais, não se intimidarem com toda teoria que alega ser científica. Enquanto isso, devemos deixar que tanto a escritura quanto as várias ciências falem em seus próprios termos e evitar aumentar a confusão hermenêutica forçando a escritura a abordar a ciência do dia. Em um nível profundo, os livros sagrados das escrituras e várias religiões do mundo, os livros sagrados das escrituras de várias religiões do mundo não estão realmente dizendo a mesma coisa? Embora essa visão seja muito comum no mundo ocidental, devido principalmente ao compromisso do Ocidente com certas formas de pluralismo, ela realmente não pode ser defendida de forma responsável.

Essas várias escrituras dizem tantas coisas mutuamente contraditórias, não apenas no nível de detalhes, mas nas questões conceituais mais profundas, que não faz sentido alegar que elas estão realmente dizendo a mesma coisa. Cristo é um filho de

Deus, ou ele não é, ou somos todos filhos de Deus no mesmo sentido. Há um Deus, ou há muitos deuses.

Há um Deus, o islamismo simplex, ou há um Deus, o trinitarismo complexo do cristianismo? Há um abismo intransponível entre o criador e a criatura, ou nós, humanos, estamos a caminho de nos tornarmos deuses. Somos salvos por nossas obras e pela pura graça, e assim por diante.

Além disso, aqueles que afirmam que todos esses livros sagrados estão realmente dizendo a mesma coisa não estão apenas insultando a inteligência dos crentes devotos nas várias tradições, mas tornam impossível o envolvimento em conversas sérias entre linhas religiosas. Conversas sérias se recusam a encobrir diferenças, mas, em vez disso, as envolvem respeitosamente e gentilmente, mas sem sacrificar a crença cristã da nossa perspectiva. Poderia ser a última pergunta? As alegações autotestantes da Bíblia, 31.2, não são uma forma de argumento circular que é inicialmente autodestrutivo? Estamos de volta a esse negócio circular novamente.

Elas são circulares, mas não viciosamente circulares. Algum grau de circularidade é inevitável ao estabelecer a crença em uma autoridade máxima. Em vez disso, ao estabelecer a autoridade da Bíblia com base em uma autoridade maior externa à Bíblia, a Bíblia em si não seria a autoridade suprema.

Então, ele está repetindo o antigo. Os cristãos veem o Alcorão, seu livro sagrado, da mesma forma que os cristãos veem a Bíblia, seu livro sagrado? As similaridades são superficiais. Transparentemente, cada uma das duas religiões tem um livro considerado sagrado e autoritativo por seus respectivos adeptos.

No entanto, as diferenças são mais penetrantes e mais importantes do que as similaridades. Por exemplo, a Bíblia foi escrita por muitos autores humanos em três línguas ao longo de um período de um milênio e meio. Embora seja composta de muitos gêneros literários, coletivamente, os livros bíblicos traçam um arco de história da criação à consumação.

Os cristãos sustentam que os autores humanos foram tão levados pelo Espírito Santo que o texto resultante é verdadeiramente inspirado por Deus. Em contraste, os muçulmanos sustentam que as palavras do Alcorão, todas em árabe, são as próprias palavras de Deus sem mediação humana. Maomé não é visto como inspirado ou contribuindo com um vocabulário distinto ou algo parecido.

Não existe noção de dupla autoria. As palavras do Alcorão são as palavras de Deus. Muhammad foi simplesmente o instrumento de Deus por um período de aproximadamente 22 anos para memorizar e escrever o que Deus lhe deu por meio do anjo Gabriel.

Estruturalmente, o Alcorão, longe de traçar um arco de história através das muitas experiências de homens e mulheres, apresenta-se em 114 suras, capítulos, um comprimento amplamente descendente, a grande maioria do material composto do discurso direto de Deus aos seres humanos, comumente em foco de comando e exortação. Eu o elogio por este bom livro, e agradeço por ouvir este curso em que estudamos o grande e gracioso Deus se manifestando a todos os seres humanos em todos os momentos em todos os lugares em revelação geral e a alguns seres humanos que às vezes em alguns lugares em revelação especial de muitas maneiras, mas especialmente na encarnação de seu filho e nas Sagradas Escrituras. Obrigado por assistir e ouvir.

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre Revelação e Escritura Sagrada. Esta é a sessão 20, FAQs de DA Carson de seu livro, *The Enduring Authority of the Christian Scripture*.